

# O Seculo Comico

HUMORISTICO DE

O SECCULO



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

## Lenine em pancas



— O' com os diabes! Lá se voltou o bico ao prego!



## PALESTRA AMENA

## Comentando

Se lhes dissermos que não causou impressão no publico, de todas as côres, o facto do chefe do governo ter convidado oficialmente o sr. cardeal patriarca para assistir ás e remonias da consagração do «soldado desconhecido», mentríamos com quantos dentes temos na boca—e, felizmente, só nos faltam do s, perdidos acidentalmente.

Começamos por dizer que não temos nada com o procedimen do do dito sr. chefe do governo, que não discutiremos se audou ou não com cabeça; o que nos parece, apenas, e isso mesmo muito envergonhada e timidamente aventamos, é que o acto—o «gesto», diria um atrevido francelho aqui do lado—não foi dos mais felizes, ou antes dos mais oportunos, porque fosse qual fosse a intenção a que obedecem, o provavel era que viesse acirrar paixões adormecidas ou aparentemente latentes.

Foi, pois, um acto infeliz, mas para quem bem observar, de harmonia com a attitude d'aqueles gymnastas que se vêem a perros para se equilibrarem na corda bamba, de maromba na mão, ora inclinando-se para a direita, ora para a esquerda, ora com o pé direito no ar, ora com o esquerdo... Lá vão andando, sem duvida, e em geral chegam ao fim da corda sem precalço de maior, muitas vezes com aplausos. Mas que trabalho não tem, coitadinho, em que tremuras se não vêem, tanto mais que hoje em dia esses equilibrios costumam fazer-se sem réde, em riscos, por consequencia, do pobre homem vir despedaçar-se no sobrado!

Nunca percebemos como haja alguém que a tal se sujeite. Porque, o notável, é que ninguém obriga os cavalheiros a escolher essa profissão; são equilibristas porque muito bem querem, havendo tantas outras profissões na sociedade e tantos outros meios, mesmo artisticos de Colisen, em que podem ganhar a vida. Quanto menos arriscado e mais agradável de ver-se não é, por exemplo o trabalho do atleta, confiando absolutamente nos musculos, erguendo pesos de muitos quilogramas, com precisão, com arte, com elegancia de postura, sem o bambolear inestetico do equilibrista de cord!

E o peor é que habituando-se um homem a esta dança, nunca perde o habito e assim vai até ao fim da vida, ou mais além, a inclinar-se ora para a direita a ora para a esquerda, a sorrir a um, a sorrir a outro...

...Ou mais além, dissemos, querendo referir-nos ao que se passará no outro mundo, pois que todas as hipoteses, a esse respeito, são admissíveis; não queríamos estar na pele, isto é, no espirito de tal cidadão, quando se vir obrigado a sorrir para Deus e para o Diabo, sem saber se ha de entrar no Céu ou no Inferno, para não melindrar nem um nem outro...

J. Neutral.

A taberna do Chico Bexigoso ficava no largo da igreja matriz e era ali que se juntava a fina flôr do livre-pensamento, da vila: o Botas, o Cara-á-banda, o Teso, etc., que nas horas de ocio —e eram quasi todas as do dia—discutiam altas questões politicas e religiosas com o calor que lhes transmitia o belo do carrascão da propri lavra do Chico, que o não havia melhor dez leguas em redondo.

N'aquella tarde a conversação decorria amena; os principaes frequentadores estacionavam á porta da rua, quando se aproximou o Manoel da Tereza, tambem livre pensador d'uma cana só, o qual Manoel ao passar em frente da egreja: fez menção de tirar o chapu...

O' diabo, que tal fizeste! Receberam-o os camaradas com chufas e descompasados gestos, sobresaindo o Botas, que era de todos os vermelhos o mais vermelho:

—Com que então, «Manel», tiras o



chapu ao Pai do Céu, que nunca existiu? Ora o camelo!

Grande troça dos outros e o Manoel explicando:

—Foi um costume que me ficou de pequeno. Não me parece que isso faça mal a ninguém...

O Botas:

—E' uma cobardia. Eu cá, quando passo pela igreja, carrego o chapu para baixo.

—Estão lá dentro os santos...

—«Cais» santos nem «cal» carapuça. Estão mas é esses monos de pan, tão santos «cuma» mim!

—M's Deus...

—Não me fazes n'esse tipo ó «Manel». Quem fez o mundo foi a natureza e Deus foi inventado pelos padres para viverem á custa d'ele.

O Manuel balbucion desculpas e o conflito sanou-se, com uma roda de decilítrios, que tiveram o condão de conciliar todas as opiniões.

A' noitinha o Botas recolheu a casa entre as dez e as onze, tomou um caldo que a esposa lhe tinha preparado e recolheu logo á cama, adormecendo d'af a ponco.

Seria meia noite, ouviu-se um grito: —Ai, que estou muito aflito! Quem me acode!

Era o proprio Botas quem fazia o alarido. A'queias exclamações sneceram outras, ainda mais dolorosas do que as primeiras, a mulher saltou da cama em fralda, os pequenos fizeram o mesmo, os visinhos acudiram e o Botas reboltava-se desesperadamente, afirmando que

morria, que era aquella a ultima hora da sua vida, porque sentia uma dôr no umbigo como se o estivessem a atravessar com uma agulha d'albarda.

A mulher esfregava-o com enxundia de galinha, mas o padecimento não cedia. Por fim, o Botas, só saltava gemidos...

A Inacia da Horta interveiu.

—O' visinho...

—Que é? balbucion o Botas, todo em suores frios.

—Eu cá sei d'um remedio muito bom para dôres de colica, que é o que o visinho tem.

—Diga, sr.ª Inacia, diga!

—Mas... gaguejou a mulher; não sei se... como o visinho Bo.as não acredita em coisas de religião...

—O' visinha! O que eu quero é melhorar! diga o que é o remedio, diga!

—E' tomar um chásinho de alfazema benta, do altar da Senhora das Dôres...

—Vá depressa fazer o chásinho, vá! gemeo o Botas.

—Já está feito. Eu tenho-o sempre lá em casa, para o que der e vier.

—Pois vá busca-o... Ande, mulher-sinha de Deus!

D'af a cinco minutos a Inacia servia ao doente uma chicara da infusão, recomendendo:

—Agora, depois de beber, tem de rezar tres Padres Nossos e tres Ave-Marias, senão o chá não faz nada.

—Isso é que eu rezo, visinha!

E o Botas rezou, com a maior unção, as orações indicadas e o caso é que melhorou...

No dia seguinte encontraram-se no largo o Manuel da Tereza e o Botas e aquele surpreendeu este a tirar o chapu, com toda a reverencia, em frente da porta da igreja:

—Que é isso? perguntou o Manuel, com surpresa. Já estás bem com os santos?

O Botas conf sson tado. D'af a ponco, na taberna do Chico, era alvo de grande troça —mas todos os companheiros, d'af para o futuro, recomendaram ás respectivas esposas que tivessem sempre preparado um chásinho d'alfazema do altar da Senhora das Dôres.

(Imitação, de Arniches).

## Pendencia

Quem esteve vae não vae para se bater em duelo um dia d'estes foi o illustre poeta Afonso Lopes Vieira. Felizmente para o adversario, as coisas harmonisar-am-se com a costumada «h nra para ambas as partes» senão a estas horas tinhamos «lamentar «um cadavel más» não o do poeta, é claro, mas o do adversario, sobre o qual Lopes Vieira estava disposto a disparar tantos alexandrinos quantos os necessarios para o infeliz falecer.

Não se ganha para os sustos!



## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

Ispousa di un ango.

Nan te tanho escrevido á munto tempo nan cõ purque is ou vom uvrigado mas tamem purque nan tem avido nuvidades triais i u papel cum a desida dus pressõs istá cumo tudo u mais cada vez mais caro grassas adeus pra sempre á mái jasus maria isidé. In toudo u caso vae nu triato nassional uma pessa munto vda bẽna deus xamada «Zilda» cuja esta nan me foi pucivie aindas ver pur iço nan te dezerel u qui é mas pellas infrumassõs é de ce le tirar u xapeu mas u que eu vim foi u «Trailaró» nu triatido du calão Foz, cuja aquela é uma revista in dois atos touda onsa i cum uma coisa que cá xamam ásão i cas oitras nan questumam ter cuja esta ásão vem a cer a ceguinte: provar cus protugezes ção omes de vengansa i cumo us ispanhos nus leva munta coisa nós comos tamem capazes de trazer munta coisa de ispanha pra portugal de maneiras cus rapazes que fazeram u «tra-laró» nan isivieram cum meias medidas i dixeram lá concigo: á! vunnssõs levãonos ovos? pois nós tiramos cenãs de pessas—i zãs: aqarrão in quadros, episodios, etc. ispanhois i xamaramle ceu isto é xamaramle um floo i a pessa ficou bem vda. Agora já se andão a preparar umas poucas de revistas que tamem hande ter munto çusesso i que ção cu-



mo esta lusó-ispanicas; uma d'ellas cingun lo nus dizem compõe-se da 2.ª cena do primeiro ato da «Verbena de la paloma», du 3.º quadro da «Rabalera», du 1.º da «Alegria de la hueria» i mais umas piadas dus «Africanistas», da «Revoltoza» i da «Marcha da Cadiz» i ade xamarce «Trolari» ó talvez «Trolaró» que ção titlos munto çufestivos cumo pur aqui dizem. I d'ain talvez ce xame «Trolariú», que é ingualmente munto significatível.

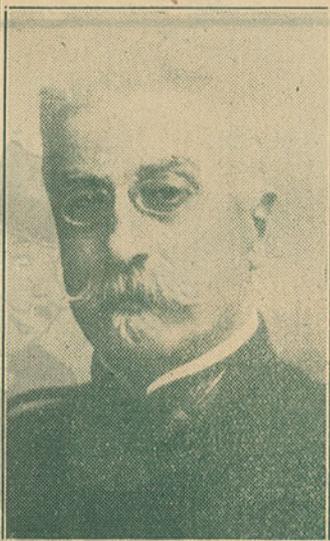
Nan ceí que mais tu diga çenão que nan tanho mais nada pra te dezer i pur iço tremino aqui estas duas mal nutadas regras i adeus inté um dia ca minha ó fazer d'esta nan tem duda i u mêmõ istimo que te acuntessa a tu i arrusebe muntas alimbranças açulapadas i dá recados ós n ços filhos i nan ti isqueças nunca dus noços barcos que nunca me çuem da indéa i ca estas oras já devem estar porcos benzõs deus i a mim me nan desimpare deste tẽ õme inté á morte cum touda a amezedade.

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama de Peras Rulvas.

## EM FOCO

## Correia Barreto



*Ou é do meu olfato mal disposto  
Ou na hora em que escrevo este soneto  
Ao nosso bravo general Barreto,  
Cheira a fraternidade que é um gosto,*

*Soletta-se a alegria em cada rosto;  
Cada labio distila o mel do Himeto;  
Reina a paz em Varsovia, e eu seja preto  
Se nos perturba a scmbra d'um desgosto.*

*Dinheiro, chega e sobra em curro e pra-  
ta...*

*Acentua-se a baixa, sem destino...  
A vida cada vez é mais barata...*

*O cambio, todos sabem, vai n'um sino...  
Conspirações, nem meia, n'esta data  
E, iluminando o quadro — o Bernardino!*

BELMIRO

## Torre de Chifre

O teu sorriso

Abrem-se as porta do paraizo  
Todas ab-rtas de par em par  
Quando abres a boca n'um sorriso  
Dá gosto de joelhos ficar.

Sorriem assim as crianças,  
Sorriem assim os apj's de cen,  
Sorriem assim as pombas mansas  
N'um sorriso como o teu!

Que perolas são os teus dentes,  
Que romã teus labios vermelhos!  
Os teus sorrisos transcendentas  
São cheios de intimas centelhas.

Só para mim não te sorris,  
Só para mim és insensível!  
Não sei, creança, o que te fiz,  
Sendo capaz de fazer o impossível!

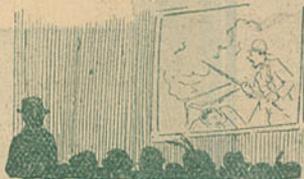
Luiz T. Torres

## Projecções luminosas

O ensino da lingua portnguesa n'uma das universidades de França vai d vento em pópa, segundo comunica um correspondente d'aquela paiz, achando-se matriculados na respectiva aula nad mens de seis alunos, todos de muita respeitabilidade, porque são professores, o mais novo dos quais conta os seus 60 anos de idade.

Não só estão deantados nos signi i cados das palavras, mas vã conhecen do tambem Portugal por meio de projecções luminosas: as scenas principais da nossa vida nacional são-lhas apresentadas no «écran», como, por exemplo, a que repro luzimos aqui.

A proposito do que acima dizemos, isto é, de serem os estudantes peçoas já maduras, comentava o nosso impagível Marques ha das n'uma roda de amigos, com a sua proverbial estupidez:



— Não acredito que os homens venham a saber alguma coisa de portugueses...

— Porquê?

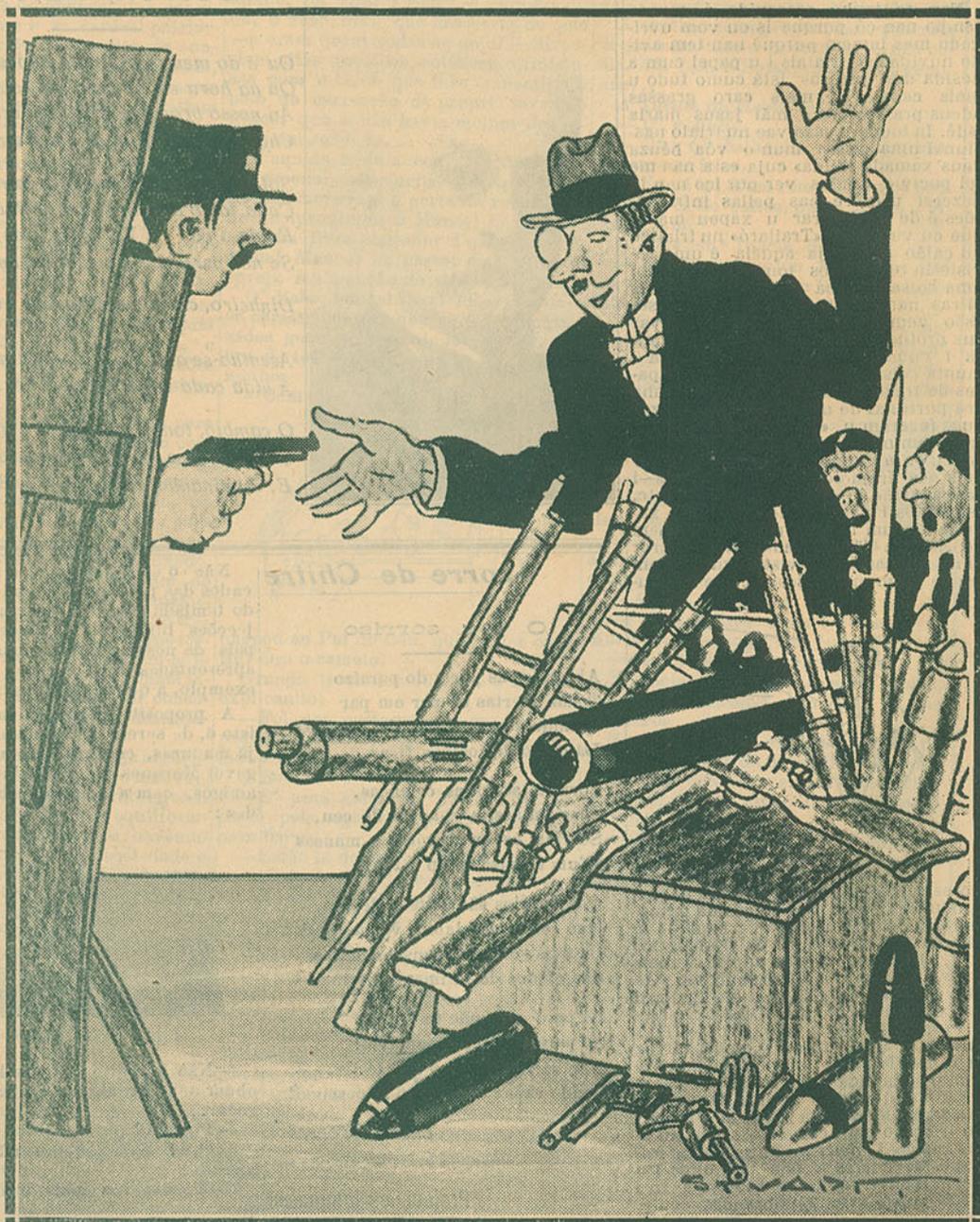
— Ora! Burro velho não aprende linguas!

Está cada vez mais bruto, o Marques.

## Correspondencia

P. PALMIRA—Outra que verseja, em vez de rem ndar as cuecas da familia. Dedique-se á agulha, que deixa mais do que a lira.

# Por bem ...



— Que é isto?!

— Nada, camarada. Estavamos a preparar-nos para agradecer a amnistia...